



CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

**Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Luca Vieira
Ilvanete dos Santos de Souza
(Organizadores)**

Atena
Editora

Ano 2021



CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

**Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Luca Vieira
Ilvanete dos Santos de Souza
(Organizadores)**

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Capitalismo contemporâneo e políticas educacionais

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
Ivanete dos Santos de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C244 Capitalismo contemporâneo e políticas educacionais / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André Ricardo Lucas Vieira, Ivanete dos Santos de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-167-8

DOI 10.22533/at.ed.678211106

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador). III. Souza, Ivanete dos Santos de (Organizadora). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a (re) pensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. Mesmo em 2021, com a aprovação do uso das vacinas no Brasil e com aplicação a passos lentos, seguimos um distanciamento permeado por angústias e incertezas: como será o mundo a partir de agora? Quais as implicações do contexto pandêmico para as questões sociais, sobretudo para a Educação no Brasil? Que políticas públicas são e serão pensadas a partir de agora em nosso país?

E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro. Sabemos, partindo do que nos apresentaram Silva, Nery e Nogueira (2020, p. 100), que as circunstâncias do contexto pandêmico são propícias e oportunas para construção de reflexões sobre os diversos “aspectos relativos à fragilidade humana e ao seu processo de ser e estar no mundo, que perpassam por questões culturais, educacionais, históricas, ideológicas e políticas”. Essa pandemia, ainda segundo os autores, fez emergir uma infinidade de problemas sociais, necessitando assim, de constantes lutas pelo cumprimento dos direitos de todos.

Como assevera Santos (2020), desde que o neoliberalismo foi se impondo como versão dominante do capitalismo o mundo tem vivenciado um permanente estado de crise; onde a educação e doutrinação, o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado são os principais modos de dominação ao nível dos Estados.

Nesse sentido, a pandemia, ainda segundo o autor anteriormente referenciado, veio apenas agravar a crise que a população tem vindo a ser sujeita. Esse movimento sistemático de olhar para as crises, postas na contemporaneidade, faz desencadear o que o que Santos (2020, p. 10) chamou de “[...] claridade pandêmica”, que é quando um aspecto dessa crise faz emergir outros problemas, como os relacionados à sociedade civil, ao Estado e as políticas públicas, por exemplo. É esse, ainda segundo o autor, um momento catalisador de mudanças sociais.

As discussões empreendidas neste livro, intitulado “**Capitalismo Contemporâneo e Políticas Educacionais**”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re) pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Na direção do apontado anteriormente, é que professoras e professores pesquisadores, de diferentes instituições e países, voltam e ampliam o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade. É um desafio, portanto, aceito por muitas e muitos que aceitaram fazer parte dessa obra.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestradas, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

André Ricardo Lucas Vieira

Ilvanete dos Santos de Souza

REFERÊNCIAS

SILVA, A. J. N. DA; NERY, ÉRICA S. S.; NOGUEIRA, C. A. Formação, tecnologia e inclusão: o professor que ensina matemática no “novo normal”. **Plurais Revista Multidisciplinar**, v. 5, n. 2, p. 97-118, 18 ago. 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O AVANÇO DA FRONTEIRA AGRÍCOLA E SEUS IMPACTOS SOBRE AS TERRAS INDÍGENAS E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA AÇAIZAL – AMAZÔNIA – BRASIL

Hellen Regina Martins Rocha

Vanja da Cunha Bezerra

Messias Furtado da Silva

Claudio Emidio-Silva

DOI 10.22533/at.ed.6782111061

CAPÍTULO 2..... 15

MOVIMENTOS SOCIAIS E A POLITICA DE EDUCAÇÃO NO CAMPO

Armanda Rachel Botelho Mourão

William de Farias Barros

DOI 10.22533/at.ed.6782111062

CAPÍTULO 3..... 26

CICLO DE DEBATES DE POLÍTICAS PÚBLICAS: APROXIMANDO UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

Ethel Louise Pereira dos Santos

Larissa Antunes Zanotti

Maria Virgínia Martins Mattar

Nathália Gonçalves Ferreira

Giovanna Carvalho de Almeida Avelar

Gustavo Costa de Souza

DOI 10.22533/at.ed.6782111063

CAPÍTULO 4..... 38

A EVOLUÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS MUDANÇAS DESDE A PRIMEIRA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL ATÉ A LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO

Marcella Arraes Castelo Branco

Elenice de Alencar Silva

Flávio Ricardo Silva Sousa

DOI 10.22533/at.ed.6782111064

CAPÍTULO 5..... 52

CONSTRUÇÕES LÚDICAS DE BONECAS (OS) NA PERSPECTIVA DO CORPO E GÊNERO

Lidia Andrade da Silva

Leilane Alves Chaves

Nathália Martins Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6782111065

CAPÍTULO 6..... 62

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E REFERÊNCIAS ANGLO- AMERICANAS NO

PENSAMENTO DE ANÍSIO TEIXEIRA DO PERÍODO DE 1951 A 1971

Naiara Ramos

José Geraldo Pedrosa

DOI 10.22533/at.ed.6782111066

CAPÍTULO 7..... 72

REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DO MEIO AMBIENTE PARTILHADAS POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Francisca de Fátima de Lima Sousa

Dálet Helen Vasconcelos Veras Lima

João Pedro Cardoso de Macedo

Dinalva Clara Monteiro Santos Silva

Wyadyson Francisco de Sousa Maciel

DOI 10.22533/at.ed.6782111067

CAPÍTULO 8..... 84

O PROGRAMA INTEGRAL DE SAÚDE DA MORADIA ESTUDANTIL NO CONTEXTO DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Nathália Dias Pereira Alves Oliveira

Renato Pereira da Silva

Maria das Dores Saraiva de Loreto

DOI 10.22533/at.ed.6782111068

CAPÍTULO 9..... 95

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: COMO EDUCAR PARA A PAZ EM TEMPOS DIFÍCEIS?

Denylson Douglas de Lima Cardoso

Valdivina Alves Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6782111069

CAPÍTULO 10..... 105

GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA, UMA REALIDADE POSSÍVEL: LEI Nº 7.040/98/ SEDUC/MT NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE MATO GROSSO

Márcio Paz Câmara

Silvia Regina Canan

DOI 10.22533/at.ed.67821110610

CAPÍTULO 11 115

EMPREENDEDORISMO SOCIAL E EDUCAÇÃO SUPERIOR: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO ACERCA DOS PROFESSORES DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Mirela Viersa Morillo

Rodrigo Augusto Prando

DOI 10.22533/at.ed.67821110611

CAPÍTULO 12..... 132

COOPERAÇÃO INTERGOVERNAMENTAL: A SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE JUIZ DE FORA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO

Polyana Gomes de Matos

DOI 10.22533/at.ed.67821110612

CAPÍTULO 13	143
LIMITES DAS POLÍTICAS SOCIOEDUCACIONAIS NO BRASIL FRENTE ÀS DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS	
Telmo Marcon	
DOI 10.22533/at.ed.67821110613	
CAPÍTULO 14	155
O PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL E A POLÍTICA DE PERMANÊNCIA DOS DISCENTES DA EPT NO ENSINO MÉDIO EAD	
Angelimar Santana Santos	
Marcelo Vera Cruz Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.67821110614	
CAPÍTULO 15	175
O PROCESSO DE ENSINO COMO INSTRUMENTO PARA EMANCIPAÇÃO HUMANA	
Janaina Rossarolla Bando	
Daniel Pulcherio Fensterseifer	
DOI 10.22533/at.ed.67821110615	
CAPÍTULO 16	185
REFLEXÕES SOBRE A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE PEDAGOGIA: AS POSSIBILIDADES DE UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR	
Maurício Cosme de Lima	
Simone Ferreira Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.67821110616	
CAPÍTULO 17	196
TECNOLOGIA SOCIAL, SUSTENTABILIDADE E CIÊNCIAS POR MEIO DE CADERNO PEDAGÓGICO	
Natalia de Lima Bueno	
Amanda Bastos Almeida	
Gabriel Ribeiro Griten	
Jessica Alessandra Hungaro	
DOI 10.22533/at.ed.67821110617	
CAPÍTULO 18	202
VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E SUAS MANIFESTAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR: UM RECORTE TEÓRICO SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	
Helenice Bastos Batista Rocha	
Maria de Fátima de Andrade Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.67821110618	
CAPÍTULO 19	216
O QUASE-MERCADO EDUCACIONAL BRASILEIRO E A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA ENQUANTO PROJETO DE NAÇÃO	
Cristian Correna Carlo	

DOI 10.22533/at.ed.67821110619

CAPÍTULO 20	228
A DECOLONIALIDADE NO CURRÍCULO MÍNIMO DE SOCIOLOGIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Vitória Marinho Wermelinger	
DOI 10.22533/at.ed.67821110620	
CAPÍTULO 21	240
REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO, INTERCULTURALIDADE, GÊNERO E DIREITOS HUMANOS	
Isadora Pereira Dias	
Giovana Giraldelli Mendes Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.67821110621	
CAPÍTULO 22	248
APREENSÕES SOBRE A DISCIPLINA POLÍTICA, GESTÃO E FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Fábio Mamoré Conde	
Evelyn Iris Leite Morales Conde	
DOI 10.22533/at.ed.67821110622	
CAPÍTULO 23	257
NO ESTAR SENDO PEDAGOGO, PRIMEIROS DIÁLOGOS SOBRE E COM CIDADES EDUCADORAS	
Paula dos Santos de Oliveira	
Stefani Iolanda Gomes de Lima	
Lígia Dadalt Casaril	
Eliara Zavieruka Levinski	
DOI 10.22533/at.ed.67821110623	
CAPÍTULO 24	270
DA CÉDULA DE 200 REAIS AO NICHU E HABITAT: ANÁLISE DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DIALÓGICA	
Andiara Aparecida Sousa	
Richard Lima Rezende	
Antonio Fernandes Nascimento Junior	
DOI 10.22533/at.ed.67821110624	
CAPÍTULO 25	277
A NOÇÃO DE TRAVESSIA COMO DIALÉTICA CONCEITUAL	
Vagno Emygdio Machado Dias	
DOI 10.22533/at.ed.67821110625	
SOBRE OS ORGANIZADORES	290
ÍNDICE REMISSIVO	292

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E SUAS MANIFESTAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR: UM RECORTE TEÓRICO SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Data de aceite: 01/06/2021

Helenice Bastos Batista Rocha

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN), com área de concentração em “Ensino na educação básica”, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Licenciada em Geografia (FTC) e Pedagogia (UNEB)

Maria de Fátima de Andrade Ferreira

Pós-doutorado em Antropologia Social pelo Centro de Estudos Afro-Orientais, Programa Multidisciplinar de Estudos Étnicos e Africanos, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Educação (UFBA). Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, do curso de Pedagogia, Programa de Mestrado em Ensino (PPGEN/UESB), Programa de Doutorado em Ensino (RENOEN), Programa de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB); Coordenadora do NUGEET e Rede de Pesquisa Discursos, Representações e Violência na Escola (FAPESB/UESB) <https://orcid.org/0000-0003-4094-6741>

RESUMO: Este é um recorte teórico da pesquisa que tem como objetivo analisar a violência simbólica entre alunos e professor-alunos na Escola Pública Municipal Y, sediada no território de Identidade Bacia do Paramirim, BA, especificamente, expressa nos racismos e suas intersecções com as categorias de gênero, etnia, classe social e, de que forma a escola

tem (ou não) contribuído no combate a esse fenômeno na sala de aula e noutros ambientes de convivência dos alunos, professores-alunos. Neste recorte, tratamos da violência simbólica e suas manifestações no cotidiano escolar, com um olhar sobre o racismo sob a forma de violência silenciosa e invisível (BOURDIEU, 1998) nas relações étnico-raciais na escola. Entre as manifestações de violência presentes na escola, a violência simbólica é a mais frequente nas relações de interação e pedagógicas, tanto entre alunos como professor-alunos, no cotidiano escolar. A escola como espaço apropriado para a socialização e convivência democrática, solidária deve favorecer a formação para as relações étnico-raciais e o respeito com o outro – o diferente.

PALAVRAS-CHAVE: Violência escolar, classe social e discriminação, violência simbólica, intersecção raça/etnia e gênero

VIOLENCE AND ITS MANIFESTATIONS IN SCHOOL LIFE: A THEORETICAL CUTTING ON ETHNIC-RACIAL RELATIONSHIPS

ABSTRACT: This is a theoretical part of the research that aims to analyze the symbolic violence between students and teacher-students at the Municipal Public School Y, situated in Identidade Bacia do Paramirim, BA, specifically, expressed in the racisms and their intersections with the categories of gender, ethnicity, social class and, how the school has (or not) contributed in combating this phenomenon at the classroom and in other students living environments, teacher-students. In this section, we deal with symbolic

violence and its manifestations in school daily life, with a look at racism in the form of silent and invisible violence (BOURDIEU, 1998) in ethnic-racial relations at school. Among the violence manifestations present at school, symbolic violence is the most frequent in the interaction and pedagogical relationships, both between students and teacher-students, in the school routine. The school as an appropriate space for socialization and democratic, solidary coexistence should favor training for ethnic-racial relations and respect for the other - the different.

KEYWORDS: School violence, social class and discrimination, symbolic violence, race/ethnicity and gender intersection.

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira, marcada pela diversidade e pelas constantes transformações nos diversos espaços de relações sociais, requer mudanças significativas no cenário educacional, inclusive no que se refere às relações étnico-raciais, seguidas das interseções raça, gênero, classe social, sexualidades, religião, dentre outras.

Essas questões relacionadas à convivência entre brancos, negros, índios e asiáticos na sociedade brasileira não são novas. Desde a chegada dos colonizadores europeus no século XV, no Brasil, que as condições da colonização criaram formas de relações complexas, multifacetadas, obedecendo regras do sistema escravista contra índios brasileiros e, posteriormente, contra africanos escravizados, resultando em massacres, aprisionamentos, promiscuidade, enfim, em diversas modalidades de violências, racismos, autoritarismos, intolerâncias diversas.

Nas zonas de contato, esses grupos também trocaram saberes, aprenderam formas de viver e lutar uns com os outros. Ferreira (2021) recorda que a vivência e o contato colonial entre brancos europeus, índios, negros e asiáticos foram marcados por trocas, mitos, lendas, usos, costumes, tramas e intensos conflitos entre esses povos e, desse modo, foram construindo as zonas de contato, teias de cultura, entre eles. Sobre o contato colonial entre diferentes povos e etnias, Schwartz (2003, 1996), descrevendo sobre insurreições escravas no ano de 1814, que abalaram os fundamentos da sociedade baiana, lembra que, apesar do relacionamento complexo entre índios e negros, a disposição dos dois grupos de buscar estratégias coletivas para lutar contra o regime colonial revela a consciência dessa população, assim como os alcances, limites e ironias que configuravam essas parcerias e planos de insurreição. O autor destaca que “a interação e contato entre grupos indígenas e os africanos da diáspora é um dos aspectos menos estudados e compreendidos da história das Américas e o pouco que sabemos reflete, ainda, os interesses do regime colonial” (2003, p. 14). Esses encontros e zonas de contato entre europeus e outras populações produziram estereótipos, preconceitos étnicos, raciais, de gênero, classe social contra negros, indígenas, asiáticos e, também, ocorreram muitas uniões sexuais entre eles, assim, como parcerias e, apesar da caracterização negativa da mistura afro-indígena, os contatos não podiam ser impedidos. E a miscigenação produziu

muitas formas de discriminação contra negros e indígenas, multiplicando categorias sociais e, também, as formas de desigualdades e exclusão social.

Nesse contexto social, a escola contemporânea aparece de maneira acentuada como espaço onde se multiplicam diferentes formas de violência, autoritarismos, homofobia, e o racismo é um fenômeno que se destaca como uma situação preocupante e vem se constituindo, a cada dia, permeado por contradições, conflitos, intolerâncias, *bullying*, uma prática que se intersecciona com as categorias de gênero, etnia, classe social, pautado pela falta de respeito ao outro – o negro, o homossexual, o pobre. No entanto, o contexto escolar é reconhecido como um espaço importante para as interações e a socialização dos diversos indivíduos, o lugar da diversidade, onde se deve entrelaçar, em diferentes dimensões, as várias fases da vida. É um espaço apropriado para que as divergências de ideias possam ser contempladas e, na maioria das vezes, nos seus ambientes diversos também geram conflitos que precisam ser intermediados com intervenções pautadas pelo diálogo, respeito e valorização das diferenças.

A escola é um dos primeiros locais que se inicia a socialização do ser humano, desde a formação da criança a sujeitos adultos, e nessa desenvoltura temporal existe um processo de ensino-aprendizagem que está para além dos livros didáticos. Nessa trajetória, a vida em sociedade carrega valores arraigados e na construção do conhecimento, os conflitos entre sujeitos na escola são desvendados no ato de intimidar em sua maioria, pela coerção e menosprezo. Contudo, no cotidiano escolar, as manifestações de violência nas relações de interações étnico-raciais entre alunos são diversas e os racismos tornam-se práticas insustentáveis nos espaços escolares e exige questionar a origem da violência expressa nas palavras, formas de agressão ao outro, violência física, exclusão ou até mesmo, expressa no silêncio. Ao analisar essa realidade na prática educacional, emergiu o interesse pelo estudo dessa temática, visando buscar ferramentas que permitam conciliar as diferenças de forma harmoniosa dentro do contexto escolar e identificar as causas das manifestações de violência e racismos que, a cada dia, se instalam nas escolas, causando danos irreversíveis e amplitude social, que exige repensar as ações educativas, conteúdos curriculares, dentre outras questões.

Este é um recorte teórico da pesquisa que tem como objetivo analisar a violência simbólica entre alunos e professor-alunos na Escola Pública Municipal Y, sediada no território de Identidade Bacia do Paramirim, BA, especificamente, expressa nos racismos e suas intersecções com as categorias de gênero, etnia, classe social e, de que forma a escola tem (ou não) contribuído no combate a esse fenômeno na sala de aula e noutros ambientes de convivência dos alunos, professores-alunos. Neste recorte, tratamos da violência simbólica e suas manifestações no cotidiano escolar, o racismo sob a forma de violência silenciosa e invisível (BOURDIEU, 1998) nas relações étnico-raciais na escola, e suas intersecções com as categorias de gênero, etnia, classe social. Entre as manifestações de violência presentes na escola, a violência simbólica é a mais frequente

nas relações de interação e pedagógicas, tanto entre alunos como professor-alunos. Para tratar de relações étnico-raciais recorreremos a Munanga (2003, 2005), Cavalleiro (2010) e da categoria, violência simbólica, buscamos apoio do pensamento de Bourdieu (2013, 2012, 2003), considerando suas críticas e formulações para tratar deste fenômeno nas relações entre alunos, professor-alunos nos ambientes no contexto escolar.

Para tal, realizamos uma análise da complexidade da formação do sujeito social dentro do desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, observando suas formas de interação étnico-racial e a comunicação nos ambientes da escola investigada. A partir desta perspectiva, buscamos analisar a dimensão simbólica da violência nas relações étnico-raciais e suas interrelações com questões de gênero e classe social, visando contribuir com os percursos necessários para se lidar com a problemática e, para isso, recorreremos a referenciais que tratam das questões de gênero, patriarcado, machismo e autoritarismo (SAFFIOTI, 2004; 1987; SCOTT, 1995, 1989), a violência no campo político (ARENDR, 2004) e o racismo e violência de gênero na escola (CARVALHO, 2011); (LOURO, 1997), para compreender de que modo a violência simbólica se manifesta no contexto escolar.

Enfim, esta é uma condição que envolve poder e “obediência” nas relações educacionais, tanto em relação ao professor quanto aos alunos. O racismo quando produzido sob a forma de violência simbólica, uma violência silenciosa e invisível, em suas diferentes modalidades, conforme resultados de estudos de diferentes áreas do saber (MUNANGA, 2003; ROMÃO, 2001), provoca o aumento de doenças psicológicas nos sujeitos que vivenciam o meio educacional. E o que significa esta violência simbólica na educação e na escola? A escola é, ao mesmo tempo, reconhecida como espaço de relações de interações e sociabilidades, destinado a promover educação para a cidadania, condição humana, emancipação e como lugar que exclui, discrimina, um lugar que ainda se mantém entre relações que vivenciam as contradições entre o autoritarismo e a autoridade, o masculino e o feminino, e, assim, são diversas as incongruências que produzem e reproduzem desigualdades, exclusão social, pondo em aberto outras indagações, como preconceitos estruturais vividos pelos sujeitos nas suas diferenças e intersecções de raça, classe, gênero, sexualidade, entre outras.

Acreditamos que o combate às violências na escola ainda se constitui como um desafio para o campo educacional, principalmente quando se pensa no desenvolvimento de ações para desvendar as confluências entre as relações sociais mediadas pelas práticas institucionais e provocar mudanças nas formas de relações entre alunos e professor-alunos no contexto escolar

VIOLÊNCIA, DIVERSIDADE E O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS NO CONTEXTO ESCOLAR

É na escola que as diferenças se concentram, sejam elas de gênero, raça, etnia, religião, classe social, dentre outras e conciliar a diversidade se torna um desafio constante para os educadores e a equipe gestora, onde propostas focadas no respeito às diferenças precisam ser desenvolvidas numa dimensão social para englobar todos os envolvidos nesse processo.

Contudo, percebemos que a cada dia as violências se multiplicam nas escolas, principalmente as relacionadas a racismos, seguidas de autoritarismos e, nesse sentido, as relações étnico-raciais no espaço escolar apresentam-se como uma preocupação para a escola resolver, pois, cotidianamente, os preconceitos, a discriminação e intolerâncias contra alunos negros são manifestações de violências que tem diretamente se relacionado à baixa autoestima, ao sofrimento por *bullying*, ao sentimento de inferioridade, resultando no baixo desempenho do aluno e ao seu fracasso escolar. A problemática da violência no cotidiano escolar precisa de enfrentamento e mecanismos para o seu combate, pois não dá mais, o racismo precisa dar uma trégua e de punição. A escola precisa buscar mecanismos de combate a essas práticas nos ambientes de convivência entre os sujeitos da comunidade escolar. No entanto, no campo de estudo da violência escolar, uma das grandes dificuldades dos pesquisadores é definir a própria violência. O que é violência? O que pode ou não ser considerada violência na escola, da escola, contra a escola, dentro da escola? Ferreira (2017, p. 31) questiona: - Mas, afinal, o que é violência? E a violência na escola? Nesse mesmo momento, a autora busca uma resposta para as duas questões, respondendo que a violência é um

Termo de difícil definição, de caráter complexo, multicausal, plural, carregado de polissemia e ambiguidades, que possui características, significados e sentidos diversos. Desse modo, a violência na escola é uma possibilidade sempre presente nos espaços escolares e se apresenta relacionada com diferentes formas de comportamento, atitudes e dominação que se manifesta nos níveis diversos de legitimação e poder (FERREIRA, 2017, p. 31).

Observamos, assim, que o problema da violência não é, simplesmente, enfrentar suas manifestações para combater suas ações na escola, mas procurar conhecer suas características, significados e sentidos diversos, como diz a autora, pois o bárbaro invade o espaço urbano e a escola. Para Maffesoli (1999), poderíamos multiplicar os exemplos dos fenômenos da violência urbana, O problema não é simples. “É efetivamente isso que está em causa. O bárbaro invade a cidade” (p. 15). A realidade é construída a partir das manifestações simbólicas, isto é, uma realidade que se constrói a partir de referências simbólicas e, pouco ou muito, nós fazemos parte dela, a violência. Por isso, “é pueril e vão condenar um tal processo. Vale mais olhá-lo de frente, quanto mais não seja para melhor o canalizar” (p. 15). Essas são questões que ainda não há consenso entre os

pesquisadores, mas muitas reflexões importantes sobre o fenômeno da violência têm se ampliado e encontrado instrumentos importantes para o combate aos racismos, violências e autoritarismos nos espaços escolares, inclusive a “educação das relações étnico-raciais através da Lei 10.639 de 2003, considerada um marco na luta pela superação da desigualdade racial na educação brasileira. Esta Lei altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e torna obrigatório o estudo da temática História e cultura Africana e Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino da Educação Básica das escolas públicas e privadas. Essa é uma questão bastante complexa e tem sido discutida por diferentes áreas do conhecimento, pois, para combater as violências nas escolas brasileiras é preciso entender que é importante e necessário combater os autoritarismos, os racismos, os (pre)conceitos, as práticas de intolerâncias e de discriminação no espaço escolar. Abramovay e Rua (2002, p.295) enfatizam que a violência na escola é um problema que precisa ser combatido e para

Tratar de violência na escola significa lidar com uma interseção de elementos, isto é, um fenômeno de uma nova ordem e não simplesmente o somatório dos objetos “escola” e “violência”. É um fenômeno singular, pois envolve práticas sociais que, para serem compreendidas requerem um olhar que não se reduza a meras extensões de práticas violentas ou escolares (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p. 295).

Partindo desse pressuposto, entende-se que os aspectos vinculados à violência escolar são amplos e diversos, atingem uma dimensão social, dificultando assim uma delimitação precisa dos fatos compreendidos como situações de violência. Daí, a necessidade de observações constantes, análises e estudos mais aprofundados que possam levar a conclusões mais acertadas desse fenômeno em suas múltiplas facetas, diversas tipologias e modalidades. Dentre as violências mais frequentes, aparece o racismo, por exemplo. A discriminação e os preconceitos que ocorrem no interior das escolas e surgem, então entrelaçados e o fenômeno das violências e suas relações com o racismo, principalmente com emprego da violência simbólica. Assim, o racismo na escola se manifesta de diversas formas e algumas ocorrências são tomadas pela escola como corriqueiras, no entanto, devem ser observadas com mais atenção e cuidado. A violência simbólica, de acordo com Bourdieu (2003, p. 47)

[...] é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceber ao dominante (e portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para se pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem essa relação ser vista como natural, ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.) resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto.

Nessa dimensão, a violência simbólica se difere das demais e apresenta uma forma sutil de dominação que se constrói através de gestos, das palavras, do silenciamento e esta é sua característica marcante e tem como objetivo promover a aceitação do dominado e gerar a exclusão social. Desse modo, os racismos se integram de forma disfarçada, multifacetada, combinados, na maioria das vezes, com a discriminação de classe social, de gênero, etnia, deixando marcas cruéis em suas vítimas que se encontram sem instrumentos para a própria defesa. No contexto escolar, essas atitudes e comportamento provocam-nos inquietações e os impactos nos resultados da repetência, evasão e abandono escolar são alarmantes.

A partir da concepção de Bourdieu (2003) sobre a violência, podemos observar que Munanga (2003, p. 6) reforça esse entendimento bourdiano da violência simbólica e diz que “o conceito de raça [...] nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e dominação”. A teoria dos campos e dos *habitus* em Bourdieu (2003) reconhece a complexa pluralidade de mundos sociais e seus sujeitos, as suas dinâmicas relações de interação entre as estruturas objetivas e as subjetivas, as estruturas mentais que se instalam nas sociedades modernas e contemporâneas. E, a escola, parte da sociedade contemporânea não está livre dessas questões. E, no campo simbólico, constituído por diferentes maneiras de ver o mundo, de pensar e agir, dá-se a produção das violências simbólicas. Para Bourdieu (2003, p. 239), a violência simbólica “é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer”. A verdade é que este tipo de violência é cruel, perversa, pois é uma violência de dominação simbólica e aprisiona o outro de forma coercitiva, muitas vezes, não deixando nenhuma brecha para a reação contra esse domínio.

Dessa forma, é de suma importância a desconstrução dos estereótipos de “melhor” ou “pior” e dos preconceitos raciais que atingem principalmente negros, indígenas e todos aqueles que não se enquadram no padrão social colonizador e autoritário, se tornando vítimas de uma sociedade discriminatória e preconceituosa, marcada pelos resquícios de poder e dominação colonial. Essas características da formação da sociedade brasileira são consequências da forma de relacionamentos capitalistas e colonizadores, autoritários, e que ainda prevalecem nos dias atuais através de gestos, ações e outras formas de manifestação de preconceito e violência concentrados na sociedade e, certamente, no contexto escolar. A partir dessa compreensão, é importante ressaltar que os preconceitos vinculados às questões de gênero, raça e etnia estão presentes nos diversos espaços sociais, gerando outros fatores desencadeantes de manifestações de violência de ordem diversa. Diante disso, buscamos apoio de Munanga (2003, p. 7) para dizer que a violência é um ato ou expressão de brutalidade e

Uma sociedade que deseja maximizar as vantagens da diversidade genética de seus membros deve ser igualitária, isto é, oferecer aos diferentes indivíduos a possibilidade de escolher entre caminhos, meios e modos de vida diversos, de acordo com as disposições naturais de cada um. A igualdade supõe também o respeito do indivíduo naquilo que tem de único, como a diversidade étnica e cultural e o reconhecimento do direito que tem toda pessoa e toda cultura de cultivar sua especificidade, pois fazendo isso, elas contribuem a enriquecer a diversidade cultural geral da humanidade.

Com base nessa visão, observa-se que a realidade brasileira ainda se encontra muito marcada pelos padrões de classificação, negando a valorização da diversidade em sua dimensão mais ampla, para que todos os indivíduos sejam contemplados e valorizados de forma igualitária no âmbito pessoal, social e profissional.

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: AS INTERSECÇÕES DE RAÇA, ETNIA E GÊNERO

A violência não é um fenômeno recente, mas um problema social e histórico presenciado em diversas sociedades e, na escola é um fenômeno que assusta a comunidade local. E a escola, parte integrante da sociedade, não escapa desse fenômeno vil, multifacetado, diverso e complexo e quando a violência se manifesta por marcadores sociais, como por exemplo, raça, classe social, etnia, gênero delineiam hierarquias, subordinação e apontam os lugares observados como naturais, seguidos de violência de dominação simbólica.

Podemos assim observar frequentes episódios nacionais de ações agressivas acontecem dentro e fora do espaço escolar, como, recentemente, ocorreu “o Massacre de Suzano”, ocorrido em 13 de março de 2019, na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em São Paulo, em que dois estudantes mataram cinco colegas e duas funcionárias e, logo depois, se suicidaram por consequência de *bullying*, como se pode observar os detalhes desta tragédia na cobertura da Folha de São Paulo, no mesmo dia do acontecimento e traz o título da reportagem “Ex-alunos matam oito pessoas em ataque a escola em Suzano: cinco estudantes e duas funcionárias do colégio Raul Brasil, além do tio do atirador, foram mortos”. E, também, no “Aqui Agora, programa da SBT apresentado por Gil Gomes que tratou do caso de forma hedionda, grotesca, sensacionalista e dramática, com objetivo de promover impactos sociais. Desse modo, a violência é divulgada e socializada nos espaços citadinos.

Spósito (2001) lembra que a violência nas escolas vem acontecendo em todo o país, se tornando uma questão de interesse público a partir da década de 1980, motivando pesquisas científicas sobre este relevante tópico. Desse modo, a convivência e valores entre alunos é um desafio da prática pedagógica, pois, no contexto escolar, a violência é diversa e se multiplica no seu cotidiano. E, diante das exigências sociais e de práticas pedagógicas para lidar com ações subversivas que alunos vivenciam em seu cotidiano, é preciso encontrar estratégias para combater manifestações de violência nas escolas,

especificamente os racismos que a cada dia se intensifica contra o cabelo black power, a cor da pele, origem étnica, dentre outras formas de não aceitar a diversidade e de institucionalização da imagem negativa que a pessoa negra faz de si mesmo, alimentando o branqueamento, de um lado, e a rejeição e negação dos valores culturais negros por grupos diversos e seus colegas na escola.

Munanga (2005) e Silva (2005) têm procurado mostrar que estudar as africanidades brasileiras, os legados africanos significam tomar conhecimento, observar e analisar um jeito peculiar de ver a vida, e os racismos precisam ser combatidos por meios de diálogo, ações educativas e luta pela dignidade própria, bem como pela identidade de todos os africanos e afrodescendentes. Araújo (2004) também traz contribuições para a compreensão de que outro tipo de violência é a que ocorre nas instituições escolares, “pois saltam aos olhos a frequência e a naturalidade com que são praticadas. Praticadas justamente onde deveria prevalecer o saber” (p. 103). A partir da compreensão de Munanga (2005), Silva (2005) e Araújo (2004) sobre o racismo e a violência nas ações educativas, vivências e práticas escolares, Cavalleiro (2010) afirma que a escola constitui apenas mais uma instituição social que produz racismo, na qual, as características raciais negras são operadas para humilhar, depreciar, discriminar e excluir o outro – o negro. E, com base nessa sua concepção sobre o racismo na escola, encaminha uma carta ao presidente da República em 2010, ao Presidente Luís Inácio Lula da Silva, intitulada “Por um Estado que proteja as crianças negras do apedrejamento moral no cotidiano escolar” e teve grande repercussão nacional. Dessa forma, não podemos permitir que a violência se multiplique cada vez mais sem tomar decisões acertadas para seu controle, enfrentamento e combate nos espaços escolares,

Há de se enfatizar, no entanto, que a violência na escola não deve ser vista simplesmente como uma outra modalidade de violência juvenil, pois sua ocorrência expressa a intersecção de três conjuntos de variáveis independentes: o institucional (escola e família), o social (sexo, cor, emprego, origem socioespacial, religião, escolaridade dos pais, status socioeconômico) e o comportamental (informação, sociabilidade, atitudes e opiniões) (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p.33).

Partindo dos pressupostos que envolvem as escolas públicas, estas são instituições que deflagram uma maior diversidade de sujeitos, em sua maioria, trabalhadores que trazem de seus cotidianos, dificuldades concretas para o aprendizado proposto em sala de aula. Caso as práticas pedagógicas fogem da realidade do alunado, e a linguagem não seja acessível ao mesmo, a responsabilidade social dessas escolas em propor qualidade na transmissão do conhecimento é falha, gerando uma banalização dos conteúdos ensinados, da figura do professor, do local da instituição, que num processo de problemas em espiral, tem por consequência, além dos racismos, um conjunto de violências, por exemplo, a depredação do patrimônio, e revoltas expressas em violências que revalidam em todos

os sujeitos presentes no ambiente escolar. Na abordagem sobre a depredação escolar, Guimarães (1984, p. 50) enfatiza que "as depredações, as pichações, as brigas entre alunos e a formação de turmas e gangues podem representar uma forma de persistência social que se nega a submeter-se" (p.77) e, apoiando-se em Guimarães (1996), Lucinda, Nascimento e Candau (1999, p. 31) afirma que a depredação nesse sentido, "pode ser compreendida também como uma forma de resistência diante das imposições de normas". Essa realidade não pode ser obscurecida e sim, desvendada. A prática docente é, assim, uma construção coletiva de aprendizado, que tem por objetivo o desenvolvimento integral das potencialidades do educando, desde as intelectuais, afetivas às criativas. Candau e Sacavino (1999) falam da importância, para isso, de "uma educação que promova o empoderamento individual e coletivo, especialmente dos grupos desfavorecidos e discriminados" (p. 46).

Para Verástegui (2017, p. 77) [...] "a educação deve cumprir o papel de uma socialização das novas gerações". Para que isso aconteça, é de suma importância que a reprodução mecânica e os modelos prontos de atividades sejam substituídos, constantemente, por situações 'reais' de aprendizagem. A escola não pode resolver todos os problemas sociais, esta não é sua função como ambiente de formação, educação e ensino, "mas não pode ignorá-los e menos ainda deixar que permaneçam na ignorância aqueles e aquelas que mais precisam dela" (GUILLLOT, 2008, p. 135). Desse modo, o papel do profissional educador é se preparar da melhor forma, abrindo sua capacidade intelectual para compreender a realidade que vive, e a violência que por vezes é expressão da mesma. Mas, como afirma Ferreira (2017, p. 62),

(...) a escola tem condições de promover a transformação social, mas, para isso, precisa buscar caminhos possíveis para impedir o avanço das manifestações de violência em seus espaços e considerar a importância da educação em direitos humanos, adotando-a como conhecimento transversal em seus currículos, para atender a formação da cidadania e o desenvolvimento humanos de seus alunos.

Há uma demasiada possibilidade de encarar certas situações de agressividade verbal, psicológica e física que assola a instituição de ensino, muitas delas em consequência dos racismos, no entanto, sem professores preparados para saber lidar com a violência das/ nas/ contra as escolas, tudo fica mais complexo e difícil como possibilidade de minimizar as situações de conflito e denunciar as dificuldades desses sujeitos no contexto escolar. Diante disso, a mediação crítica e instigante do professor faz diferença no processo de ensino- aprendizagem, tornando as aulas um universo a ser investigado e compreendido, em que a construção do conhecimento possa estar atrelada à prática do cotidiano de forma contextualizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escola, educar para viver valores não é uma tarefa muito fácil. O desafio é desenvolver práticas educativas eficazes que sejam capazes de trabalhar com atitudes agressivas no âmbito escolar e promover transformações, através de debates e diálogos sobre as formas de pensar e agir, formas de respeito.

Sobre essa questão, Mendes (2009) traz um salto qualitativo para a mudança de perspectivas dos sujeitos vítimas e agressores. Verástegui (2017, p. 79) “[...] também traz contribuições à conclusão desta pesquisa quanto diz que a educação é uma arena importante na transformação da sociedade”. A escola deve continuar cumprindo seu papel de educar para a vida, como diz Rodrigues (1992), “a educação é do tamanho da vida! Não há começo. Não há fim. Só a travessia. E, se queremos descobrir a verdade da educação, ela terá de ser descoberta no meio da travessia” (p.39). É preciso, portanto, rever valores e atitudes no cotidiano escolar para construir uma sociedade mais justa, solidária, antirracista, que projeta as crianças negras, indígenas, quilombolas, sem distinção.

A escola não é uma ilha. Esta expressão contribuiu com o entendimento de que não se pode pensar a escola como um espaço isolado da sociedade e, também foi importante para pensar nas crises ocorridas no âmbito educacional e sobre as diferentes dimensões da sociedade brasileira, em suas esferas econômicas, políticas, sociais e culturais. Sem dúvida. Todas as crenças, valores, atitudes, comportamentos, preconceitos e discriminações que permeiam a sociedade brasileira são reproduzidos e produzidos no espaço escolar e, desse modo, a escola acaba reforçando o racismo, o machismo, o autoritarismo, a homofobia, dentre outros preconceitos de várias naturezas, como de classe, de cor, de religião. Nela, são encontradas as práticas preconceituosas e excludentes vivenciadas nos espaços da sociedade, no entanto, o papel da escola deve ser o de preparar o aluno para a vida saudável, um futuro cidadão para viver a diversidade, o respeito a si mesmo e ao outro – o diferente.

Vivemos numa sociedade em que o racismo institucional, estrutural e caracterizado pela naturalização, banalização e pelo silêncio criminoso, uma crença baseada no falso mito de democracia racial, ainda se encontra muito presente nas relações étnico-raciais. Pois, o mito da democracia racial se faz presente no imaginário e representações sociais da sociedade brasileira e, assim, o racismo é silenciado, camuflado de diferentes formas, favorecendo o aumento desordenado das desigualdades sociais e de oportunidades de acesso à escola e a outras instituições sociais. Desse modo, a violência e suas faces, o racismo, o machismo, a homofobia, o autoritarismo se entrelaçam construindo confluências e, desse modo, reproduz e produz preconceitos, discriminação e exclusão social, mantendo os negros em péssimas condições socioeconômicas, na rua, nas periferias das cidades, fora das escolas e dificulta seu acesso à educação de boa qualidade e, conseqüentemente, ao mercado de trabalho, à vida digna, ao direito a ter direitos, enfim, à cidadania e à condição humana. As crianças negras são as que mais sofrem com essas crenças e atitudes

criminosas, pois são impedidas a viver experiências saudáveis e solidárias, maltratadas pelo baixo poder aquisitivo dos seus pais, muitas delas, sem moradia, alimentação, formas de vida adequadas e sofrem os prejuízos com a baixa qualidade das escolas, do ensino ofertado por estes espaços que deveriam ser acolhedores, solidários, abertos ao diálogo, um espaço apropriado ao seu desenvolvimento intelectual, social e emocional.

Na concepção de Bourdieu (2013, 2012), a violência simbólica é uma violência invisível, perversa, exercida por mecanismos e meios genuinamente simbólicos de interação, através da comunicação e do conhecimento, se estabelecendo numa relação de poder, submissão e legitimação das relações entre os sujeitos, o que obviamente terá como resultado a subordinação e a cumplicidade no cotidiano das instituições, dentre elas, a escola. Sendo assim, é possível compreender que as formas de relações no contexto escolar são resultantes do convívio diário e das sociabilidades partilhadas entre os sujeitos. As formas de convivência na escola podem fazer com que este lugar se constitua, não apenas como lócus de exercício da violência, mas também, de sua produção e reprodução, um processo concebido por Bourdieu e Passeron (2013) como “arbitrário cultural”.

Em face disso, os aspectos de aceitação e legitimação se tornam os fatores preponderantes nesse processo de construção social, que vem delimitada por classificações estabelecidas pelos dominantes, os quais passam a manter controle sobre todas as ações dos dominados. À guisa dessa violação de direitos de forma aceitável, são sedimentadas as “falsas verdades” que a classe dos dominantes impõe sobre os seus subordinados. Dessa forma, ao relacionarmos o arbitrário cultural à trilha histórica do Brasil, em seus achados de colonização, iremos perceber que esse fato foi o responsável pela exclusão maciça de grande parcela da população composta pelos grupos menos prestigiados, ou seja, aqueles que não se enquadravam no padrão correspondente à categoria dos brancos, tidos como verdadeiros heróis, influentes políticos e ricos.

Logo, o processo de ação-reflexão-ação constante e de transformação nas práticas educativas com vistas a importância dos estudos, da participação, do diálogo, da reflexão e da coletividade das ações são pretensas maneiras de entender e combater a violência escolar. Os racismos estão dentro da escola, mas também, agem contra a escola e persistem em se esconder por trás das práticas docentes e escolares, como um fenômeno que tem desencadeado terríveis consequências, como o suicídio, o *bullying*, a evasão, a repetência, o abandono escolar, e diferentes formas de agressão e ataques às escolas, seja com armas de fogo, armas brancas e até palavras agressivas. Portanto, a criança e o adolescente precisam ser observados e educados em valores e direitos humanos e sociais, pela família, pela escola e pela sociedade de modo geral, para aprender a conviver com a diferença e a diversidade. Combater os racismos entre alunos é uma condição para enfrentar as manifestações de violências no espaço escolar, pois a discriminação de raça e etnia nunca estão isoladas e vem acompanhadas de outros tipos de violência, como a de gênero, religião, classe social, entre outras. Assim, esperamos!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. et al. **Escolas Inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. ABRAMOVAY, M. (Org.). Brasília: UNESCO, 2003.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, ZONSED, UNDIME, 2002.

ARAÚJO, M. J. A violência simbólica: uma difícil percepção. **Revista Unimontes Científica**. Montes Claros, v. 6, n. 2, jul./dez., 2004.

ARENDETT, H. **Da violência**. Trad. Maria C. D. Trindade. Brasília: UNB, 2004.

BOURDIEU, P.; PASSERON, L. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Trad. de Reynaldo Bairão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria H. Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CANDAU, V. M.; SACAVINO, S. **Educar em direitos humanos: construir democracia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CARVALHO, M. P. de. Conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPEd (1999-2009). **Revista Brasileira de Educação**. Vol. 16, n. 46, jan./abr. p.99 – 265, 2011.

CAVALLEIRO, E. Por um Estado que proteja as crianças negras do apedrejamento moral no cotidiano escolar. Carta encaminhada ao presidente ao Excelentíssimo Presidente da República Federativa do Brasil, Sr. Luís Inácio Lula da Silva, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/dia-da-consciencia-negra-por-um-estado-que-proteja-criancas-negras-apedrejamento-moral-cotidiano-escolar/> Acesso em: 20.10.2019.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Ex-alunos matam oito pessoas em ataque a escola em Suzano. São Paulo: Folha de São Paulo, em 13 de março de 2019. [Online]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/atiradores-matam-cinco-alunos-e-um-funcionario-em-escola-em-suzano-na-grande-sp.shtml> Acesso em: 13 de agosto de 2019.

FERREIRA, M. de F. de A. Movimento Cultural Arte Manha: lugar da arte, corpo e memória afro-indígena na escola, Caravelas, BA. **Revista Contrapontos** [eletrônica], Univali, Itajaí, v. 20, n.2, p. 486-507, 2021.

FERREIRA, M. de F. de A. Escola, violência e Educação em Direitos Humanos. In FERREIRA, M. de F. de A. (Org). **Violência, diversidade e educação em Direitos Humanos na escola**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017.

FERREIRA, M. F. de A. Introdução. In FERREIRA, M. de F. de A. (Org.). **Violência, diversidade e educação em Direitos Humanos na escola**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017.

GUILLOT, G. **O resgate da autoridade em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GUIMARÃES, Á. **Escola e violência**: relações entre vigilância, punição e depredação escolar. 1984. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas, SP: UNICAMP, 1984.

GUIMARÃES, Á. **A dinâmica da violência escolar**: conflito e ambiguidade. São Paulo: Autores Associados, 1996.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997,

LUCINDA, M. da C.; NASCIMENTO, M. das G.; CANDAU, V. M. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAFFESOLI, M. **A violência totalitária**. Trad. M. L. Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. (Coleção Epistemologia e Sociedade)

MENDES, N. M. Roma e o Estigma da Violência e Crueldade. In: BUSTAMANTE, M. R. da C. e MOURA, José F. de. (Org.) **Violência na História**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2009.

MUNANGA, K (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/ SECAD, 2005.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

RODRIGUES, N. **Da massificação da escola à escola necessária**. São Paulo: Cortez, 1992.

ROMÃO, J. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva do educando negro. In: CAVALLEIRO, E. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCHWARTZ, S. B. Tapanhuns, Negros da Terra e Curibocas: causas comuns e confrontos entre negros e indígenas. **Afro-Ásia**, n. 29-30, p. 13-40, 2003.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, 1995, 20, 71-99.

SILVA, P. B. G. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/ SECAD, 2005.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo: USP, v. 27, n. 1, p. 87- 103, jan./jun. 2001.

VERASTEGUI, R. de L. A. Educação para a violência ou para a democracia. In FERREIRA, M. de F. de A. (Org.) **Violência, diversidade e educação em Direitos Humanos na escola**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 25, 26, 27, 30, 33, 35, 36, 67, 69, 105, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 117, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 133, 136, 168, 169, 251, 252, 255, 261

Administração Pública 26, 27, 30, 33, 35, 36, 67, 107, 133

Agronegócio 1, 2, 3, 7, 10, 11, 12, 13, 153

Anglo-Americanas 62, 63, 64

Anísio Teixeira 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 87, 93, 124

Assistência Estudantil 84, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 155, 159, 160, 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173

Avaliação 33, 34, 35, 36, 52, 53, 90, 92, 93, 107, 168, 174, 218, 220, 226, 227, 230, 252, 261, 262

C

Capitalismo 1, 28, 36, 116, 235, 252, 283

Cidadania 30, 60, 64, 87, 143, 144, 145, 153, 161, 172, 176, 180, 182, 185, 186, 188, 189, 190, 205, 211, 212, 226, 235, 237, 238, 242, 245, 253, 254

Cidade Educadora 175, 182, 257, 264, 267, 268

Ciências 20, 52, 53, 54, 58, 59, 61, 65, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 75, 105, 126, 128, 129, 130, 131, 142, 190, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 218, 223, 227, 244, 259, 272, 284, 290, 291

Classe Social e Discriminação 202

Colaboração 28, 47, 84, 123, 127, 132, 133, 134, 135, 140, 141, 142, 197, 200, 244, 250, 272

Cooperação 30, 66, 71, 132, 133, 134, 135, 140, 141, 142

Corpo 6, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 118, 160, 190, 214, 217, 221, 225

Cultura de Paz 95, 98, 100, 101, 102, 103, 245

Currículo 3, 33, 47, 61, 69, 70, 82, 124, 125, 183, 185, 190, 191, 192, 194, 218, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 257, 263, 266, 268

D

Debates 21, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 87, 178, 212, 221, 236, 258

Decolonialidade 228, 229, 231, 238

Desigualdade Socioeconômica 143, 145, 146, 151

Dialética 172, 196, 198, 277, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288

Diálogo 31, 55, 67, 68, 71, 91, 98, 108, 136, 172, 179, 181, 183, 197, 198, 199, 200, 204,

210, 213, 233, 249, 260, 263, 266, 267, 270, 271, 273, 274, 275

Difusão de Conhecimento 26

Diversidade 39, 46, 58, 60, 95, 96, 98, 99, 102, 103, 140, 156, 160, 203, 204, 206, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 232, 233, 235, 237, 242, 245, 254, 261, 281

Docentes 29, 52, 53, 91, 115, 116, 117, 125, 126, 127, 128, 189, 213, 218, 223, 224, 225, 237, 259, 265, 266, 268, 272

E

EaD 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 224

Educação 1, 2, 3, 5, 7, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 28, 29, 30, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 76, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 124, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 205, 207, 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 268, 270, 271, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 288, 289, 290, 291

Educação Ambiental 76, 82, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 200

Educação do Campo 15, 16, 18, 19, 24, 291

Educação Escolar Indígena 1, 3, 5, 7, 12

Educação para a Paz 95, 96, 98, 100, 101, 102, 103, 104

Educação Profissional 47, 62, 63, 67, 69, 70, 155, 156, 158, 162, 164, 166, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 249, 277, 288, 289, 291

Educação Profissional Tecnológica 155, 162, 170, 171

Educacional 6, 7, 18, 36, 39, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 61, 62, 64, 66, 85, 93, 98, 99, 100, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 114, 123, 127, 132, 141, 155, 173, 189, 190, 198, 203, 204, 205, 212, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 224, 226, 227, 230, 231, 232, 241, 245, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 258, 261, 276, 277, 282, 283

Emancipação 147, 148, 151, 172, 175, 176, 177, 179, 180, 182, 183, 205, 279

Empreendedorismo Social 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131

Ensino Científico 216

Ensino de Ciências 52, 53, 54, 197, 227, 291

Ensino Médio 137, 138, 139, 140, 155, 158, 160, 162, 164, 166, 167, 171, 172, 173, 174,

233, 235, 236, 237, 247, 261, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 288, 289

Ensino Superior 33, 67, 68, 69, 71, 86, 87, 88, 90, 93, 94, 115, 125, 126, 130, 139, 160, 171, 185, 187, 189, 192, 194, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 226, 227, 264, 268, 269, 290

Escola Comum 39, 42, 43

Extensão 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 72, 73, 75, 88, 89, 91, 92, 110, 111, 150, 160, 161, 168, 192, 196, 197, 198, 199, 200, 240, 241, 242, 244, 246, 257, 258, 260, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 290

Extensão Universitária 28, 29, 30, 31, 33, 36, 192, 196, 199, 257, 258, 264, 267, 268, 269

F

Família 4, 39, 43, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 64, 69, 92, 94, 153, 210, 213

Financiamento da Educação 248, 249, 254, 256

Formação do Pedagogo 185, 188, 261, 263, 266

Formação Inicial 49, 52, 53, 167, 190, 191, 195, 257, 258, 259, 262, 263, 267, 268, 291

G

Gênero 52, 53, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 111, 144, 146, 152, 173, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 213, 214, 215, 230, 231, 236, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247

Gestão da Educação 106, 114, 248, 255, 257, 258, 262, 265, 266

Gestão Democrática 105, 106, 107, 109, 112, 114, 133, 143, 248, 249, 253, 254, 255, 262, 263, 266

I

Impactos Ambientais 1, 2, 7

Inclusão 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 68, 87, 88, 90, 120, 122, 127, 144, 162, 166, 169, 200, 234, 241

Interculturalidade 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247

Intersecção Raça/Etnia e Gênero 202

J

Justiça Social 101, 143, 245

L

Lei Nº 7.040/98/SEDUC/MT 105, 109, 110, 112, 113

Luta de Classes 15, 16, 23, 283, 284, 285, 288

M

Meio Ambiente 3, 7, 21, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 119, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 199

Movimento Social 15, 16, 17, 18, 23, 87

Mulheres 240, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 274

Multiculturalismo 228, 230

P

Pandemia 34, 135, 141, 158, 162, 170, 200, 217, 223, 226

Parceria 23, 26, 43, 47, 65, 66, 92, 120, 194, 224, 286, 290

Pedagogia 13, 15, 19, 24, 46, 70, 96, 103, 105, 146, 175, 177, 180, 182, 183, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 201, 202, 227, 239, 241, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 265, 269, 276, 291

Permanência 39, 42, 45, 47, 48, 49, 68, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 133, 143, 155, 156, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 181, 250, 271, 274

Pesquisa 1, 2, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 15, 16, 24, 26, 27, 29, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 52, 58, 61, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 81, 82, 84, 88, 89, 92, 93, 94, 96, 100, 103, 115, 116, 117, 119, 125, 127, 128, 131, 132, 134, 135, 140, 142, 143, 155, 160, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 178, 183, 184, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 201, 202, 204, 212, 215, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 247, 257, 258, 260, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 272, 273, 274, 276, 289, 290, 291

Política Educacional 18, 108, 114, 216, 219, 248, 249, 251, 252, 253, 256

Políticas Públicas 4, 5, 18, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 46, 49, 50, 87, 103, 106, 113, 114, 132, 133, 134, 135, 141, 156, 157, 158, 170, 172, 173, 175, 185, 186, 188, 192, 194, 217, 218, 238, 240, 244, 245, 249, 261, 262, 267

Práticas Colaborativas 196

Problematização 230, 254, 270, 271, 272, 273, 274, 276

Q

Quase-Mercado 216, 217, 218, 220, 223, 224, 226, 227

R

Recurso Pedagógico 270, 273, 274

Reforma Agrária 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 25

Representações Sociais 72, 73, 74, 75, 79, 81, 82, 83, 212

S

Saúde 5, 15, 24, 64, 82, 84, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 101, 133, 157, 160, 169, 218,

240, 246, 276

Sociologia 69, 124, 126, 150, 154, 183, 214, 228, 229, 233, 234, 235, 236, 237, 238

Surdos 43

T

Textos Imagéticos 72, 74, 75, 78, 82

Travessia 212, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289

U

Unidades Escolares 68, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 113

V

Violência Escolar 202, 206, 207, 213, 215

Violência Simbólica 202, 204, 205, 207, 208, 213, 214

CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora
Ano 2021